

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 25 DE DEZEMBRO DE 1886  
DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II-X. 104

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36



## MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE

(NA ARCADIA ELMANO SADINO)

Nasceu a 15 de Setembro de 1765 e morreu a 21 de Dezembro de 1805

(Dezenho de Bento Barbosa, gravura de Alfredo Pinheiro.)

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

Expediente.....	F. D'ALMEIDA.
Bocage.....	A REDACÇÃO.
O retrato de Bocage.....	
Variedade dos effeitos de amor, soneto.....	BOCAGE.
Jornaes e revistas.....	S.*
A Bocage, soneto.....	O. BILAC.
A vida elegante.....	LORGNON.
Bocage, soneto.....	A. DE OLIVEIRA.
Tritão, idyllio maritimo..	BOCAGE.
A Bocage, soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Theatros.....	P. TALMA.
Conjurosa Anard, soneto	BOCAGE.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Elmani tabernula, soneto	R. CORREIA.
Correio da Gerencia.....	
Annuncios.....	

## EXPEDIENTE

## ASSIGNATURAS

## CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

## PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

## BOCAGE

A narração minuciosa da vida de Manoel Maria de Barbosa da Bocage teria de ser um longo martyrologio e uma brilhante glorificação. Fallece-nos competencia e não nos sobeja espaço para, num artigo de jornal, escrever da vida e obras do grande poeta.

Feito com o fim de commemorar a data da sua morte, este artigo dará de Bocage as noticias mais importantes da sua vida e procurará reivindicar para o potentissimo engenheiro do bardo sadino a gloria de poeta de primeira ordem, de maior cantor portuguez do seculo XVIII, que ainda hoje ha quem lhe negue.

Para demonstrar cabalmente a grande superioridade de Manoel Maria sobre os seus contemporaneos, e mesmo sobre os vates arcadicos que o antecederam no mesmo seculo, seria necessario um longo estudo comparativo, baseado, sobretudo, na confrontação critica de Garção, Diniz, Quita e Francisco Manoel — os coripheus da poesia arcadica — se a posteridade já não tivesse outhorgado ao pujante burlador de Tritão, ao doce e mavioso poeta da *Saudade Materna*, ao admiravel e portentoso cantor de *Leandro e Hero*, as palmas do vencedor com as corôas da popularidade e os louros immarcescíveis do renome.

As letras portuguezas estavam no periodo da sua maior decadencia. Com

a morte de Garção e o abandono de Diniz e Quita morrera a velha Arcadia. Emmudecidos o satyrico formidavel do *Hyssope* e o lyrico suavissimo das derradeiras bucolicas portuguezas de merito, não havia no Parnaso luso vislumbre de engenho levantado que se librasse a alturas de regeneração litteraria e artistica.

Poetastros enfadonhos e de vôo curto, restos da fria mas grande opulencia das velhas letras, aventuravam ás Marcias desnalgadas um ou outro soneto mauco de idéa e de metro, uma ou outra cantata á imitação das deliciosas do Garção, cheia de rancido sabor classico mesclado de dicção franceza, sem sombra de conceito poetico.

A sociedade abastardava-se como as letras sob o regimen fanatico de Maria I, e debaixo da inconfidencia inquisitorial do intendente de policia Pina Manique, o fundador do terror *papelístico* em l'ortugal, como lhe chama Theophilo Braga.

Foi neste meio, impropicio a audacias de imaginação, que Bocage nasceu na villa de Setubal, aos 15 de Setembro de 1765. Seu pae, José Luiz Soares de Barbosa, bacharel em canones, poetara no seu tempo, e sua mãe, D. Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage, pertencia á familia franceza d'este nome e era segunda sobrinha da celebre poetiza Marie Anne Le Page du Bocage, traductora do *Paraiso* de Milton, imitadora da *Morte de Abel* de Gessner e auctora da tragedia *As amazonas* e do poema epico em dez cantos *A Columbiada*, que lhe mereceu a corôa de louros de Voltaire e o primeiro premio da academia de Rouen. Fontenelle fala com muitos gabos d'esta senhora illustre, e Propiac, no seu *Plutarque des jeunes demoiselles* (Ed. de 1825, v. I, pag. 261) tece grandes elogios ao seu talento e ensina-nos que ella pertenceu com lustre ás academias de Roma, de Bolonha, de Padua, de Lyon e de Rouen.

Manoel Maria vinha, pois, de dois troncos illustres por saber e letras; com a educação materna obteve a primeira instrucção e foi o pae quem lhe ensinou o francez. Aos quatorze annos concluiu os estudos secundarios e classicos. Aos quinze assentava praça no regimento de Setubal e aos dezeseite transferia-se para a armada real na qualidade de guarda marinha. Aos vinte e um partia para India a bordo da nau de viagem *Nossa Senhora da Vida*, que por causa de uma tempestade, suppõe-se, arribou ao Rio de Janeiro, onde Bocage, apesar de estar aqui pouco tempo, foi muito festejado pela colonia e protegido pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza.

A India, onde chegou a 29 de Outubro de 86, foi para elle uma atrocissima desillusão. Elle, que partira para Goa tocado pela gloria excelsa de Camões, que admirava e imitava, chamava-lhe pouco tempo depois:

« Terra sem lei, madrastra de poetas,  
Estuporada mãe de gentes baças ».

E' que Bocage ainda lá soffreu mais do que Camões. Foi encontrar uma sociedade decadente e corrompida por intrigas e vicios de toda sorte. Por lá andou vagabundo, doente, miseravel, até que fugio e poudo voltar para Lisboa, onde chegou em Agosto de 1790.

Em 1791 publicou o 1º volume das suas *Rimas*, os *Queixumes do pastor Elmano*, e os *Idyllios maritimos*. Nesse mesmo anno entrou para a Nova Arcadia, com a qual rompeu furiosamente em 1793.

Em dez de Agosto de 97 foi preso, estando já refugiado a bordo da corveta *Aviso*, que partia para a Bahia, por ordem do intendente Pina Mani-

que, que o mandou metter no segredo do Limoeiro, de onde, em 7 de Novembro, foi transferido para os carceres da Inquisição. Em 17 de Fevereiro do anno seguinte passavam-no para o mosteiro de S. Bento e d'ali, em 23 de Março, para o mosteiro das Necessidades.

Obteve a liberdade, por lhe não acharem no processo motivos para condemnacão e por ter a protecção do ministro José de Seabra da Silva.

Em 1801 accitou a proposta que lhe fez o naturalista brasileiro padre José Mariano da Conceição Velloso para, mediante o ordenado de 24\$000 réis, fazer as traducções de varios poemas didacticos — *Os Jardins*, de Delille; *As Plantas*, de Castel; *A Agricultura*, de Rosset; e *O Consorcio das flores*, epistola, de Lacroix, — trabalho monstruoso e penosissimo, de que elle se sahio com um brilhantismo que não encontra emulo em toda a historia da litteratura portugueza, e que é uma das corôas mais resplandecentes e legitimas da sua gloria de poeta.

Neste ponto são acordes os tres biographos consultados por nós — Castilho José, Rebello da Silva e Th. Braga.

O primeiro escreve: « Em multiplices titulos assenta a gloria de Bocage, mas em nenhum com mais razão do que no primor das suas versões ».

No prologo da sua traducção de Ovidio, á qual incorporou o que Elmano traduzira do sulinonense, exclama Castilho Antonio: « Este sim; que era digno de traduzir Ovidio. » E referindo-se ás qualidades que em Bocage concorriam para o bom exito de tal empresa, ennumera: « Estylo terso e nobre; linguagem pura e clara; dicção concisa e ornada; versificação deliciosa, como nenhuma, nem antes, nem depois d'elle, ainda entre nós appareceu. »

Além dos poemas francezes, traduzio varios poetas latinos e italianos.

Por causa do prologo que escreveu para a traducção das *Plantas* rompeu com elle o Padre José Agostinho de Macedo.

Em 1804 publicou o 3º tomo das *Rimas*, e em 1805 declarou-se a doença que o havia de levar ao tumulo, uma aneurisma nas carotidas. Nesse mesmo anno ainda publicou os *Improvisos* e os *Novos Improvisos*, escriptos já durante a enfermidade.

A 21 de Dezembro de 1805, sua irman D. Maria Francisca cerrava-lho para sempre os olhos, em um casebre da travessa de André Valente, em Lisboa.

E' tão complexa, tão variada, tão desigual e, relativamente, tão extensa a obra de Bocage, que o julgar-a e critica-la não é para um artigo de revista litteraria, onde o resumo obrigado tyrannisa as expansões necessarias da critica. E' tarefa para livro não pequeno, que talvez escrevamos um dia, quando para isso houver lazer e edictor.

D'esta missão já de algum modo se desempenhou o Sr. Th. Braga, escrevendo a *Vida e epoca litteraria* do grande poeta, e subordinando o seu trabalho a um rigoroso methodo scientifico, dividindo periodos, fixando datas e tirando inducções voliosissimas para o estudo da individualidade litteraria de Manoel Maria.

Escriptor eminentemente pessoal, poeta completamente subjectivo, elle detexou na sua obra, mais do que nenhum outro, os elementos mais seguros para a investigação e para o estudo do seu caracter moral e litterario. Bastaria para isso o soneto em que se retrata a si proprio, se não offerecesse outros elementos na maior parte das suas composições:

Magro, de olhos azues, carão moreno,  
Bem servido de pés, meão na altura,  
Triste de facha, o mesmo de figura,  
Nariz alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de assistir num só terreno,  
Mais propenso ao furor do que á ternura,  
Bebendo em niveas mãos por taça escura  
De zelos infernaes lethal veneno;

Devoto incensador de mil deidades  
(Digo, de moças mil) num só momento,  
Inimigo de hypocritas e frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;  
Sahiram d'elle mesmo estas verdades  
Num dia em que se achou mais pachorrento.

Dizem mais esses quatorze versos  
do que um volume de estudo in luctivo.  
Além do retrato physico do primeiro  
quarteto, o poeta e o homem está ali  
todo, inteiro, completo.

Que elle era incapaz de assistir num  
só terreno, prova-o a singular instabi-  
lidade da sua vila e o tamanho das  
suas composições. Trefego e soffrego,  
não podia demorar-se a escrever longos  
poemas. De imaginação vivissima, elle  
resumia na sua forma predilecta — o  
soneto, o poema que a mente lhe creava  
instantanea, ou as poesias mais exten-  
sas sahiram-lhe intoiras e promptas,  
como a Minerva de Jupiter, de um só  
jacto, no delirio da improvisação, como  
um grande peso de ouro derretido, der-  
ramalo sobre o papel que havia de  
atravessar os annos. Foi assim que  
elle, á meza de um botequim, dictou  
em 3 horas e o morgado de Assentiz  
escreveu, a mais formosa, a mais vi-  
brante e a mais violenta satyra que  
possue a lingua portugueza e por ven-  
tura as linguas cultas da velha Europa  
— *A pena de Talião*. Aquelles 367 versos  
admiraveis, diamantes sem macula,  
foram dictados numa d'aquellas «prom-  
ptas explosões do enthusiasmo» em tres  
horas apenas, incluídas as notas, e es-  
magaram para todo sempre o padre  
José Agostinho de Macedo, a uma sa-  
tyra do qual victoriosamente respon-  
diam.

E tudo mais nelle era assim, rapido,  
fugaz, prompto, vertiginoso. Foi as-  
sim a sua vida e é assim a sua obra.

Tambem se vê bem claramente que  
foi mais propenso ao furor do que á  
ternura; bradam-nos alto as luctas  
com os novos arcades, as satyras vio-  
lentas a personagens da India, que lhe  
valeram uma deportação, e alguns ver-  
sos ás suas amadas, nos quaes demon-  
strava beber, servido por mãos niveas  
em taça escura, o lethal veneno do  
ciume infernal que elle descreveu repe-  
tidamente em varios logares.

Foi tambem inimigo de hypocritas e  
frades, o que lhe valeu o processo civil  
e ecclesiastico baseado na epistola sub-  
versiva da «Pavorosa illusão da eter-  
nidade», uma obra prima, cheia de ex-  
traordinario vigor, de má doutrina mo-  
ral, é verdade, mas onde, cremos que  
pela vez primeira em Portugal e mesmo  
na peninsula, ecoava a liberdade que  
em França estava sendo firmada nas  
bases sanguinolentas do Terror, e onde  
as então chamadas *idéias francezas* re-  
percutiam no scepticismo voltaireano  
d'aquelles ardentes versos tão cheios  
de bellezas e do atrevimentos, audacias  
que no regimen cesario da epoca ti-  
nham á espreita o olho feroz de Mani-  
que.

Naquelle tempo, aspirar á liberdade  
era já um crime; e Bocage aspirava á  
liberdade e á queda do despotismo. E'  
facil de vér quantos vóos lhe sustou o  
regimen da rainha boçal o insana, o  
systema inquisitorial da administração  
publica. Elle não cantava as idéas mo-  
dernas, por temor; o meio social, além  
de estreitissimo, era estúpido e retro-  
grado. Dil-o elle mesmo neste expan-  
sivo soneto:

«Liberdade, onde estás? Quem te detoura?  
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?  
Porque (triste de aim!), porque não raia  
Só na esfera de Lysia a tua aurora?»

«Da sancta redempção é vinda a hora  
A esta parte do mundo que desmaia;  
Oh! venha... Oh! venha, e tremulo descaia  
Despotismo feroz que nos devora!»

«Eia! acode ao mortal, que frio e mudo  
Occulta o patrio amor, torce a vontade,  
E em flugir, por temor, empenha o estudo.»

«*Movam* nossos grilhões tua piedade;  
Nós n'um nimen tu és, e gloria, e tudo,  
Mãe do geuio e prazer, oh Liberdade!»

O defeito capital de Bocage foi o seu  
desmedido orgulho, a sua illimitada  
 vaidade, defeito de que decorreram to-  
dos os outros que lhe conturbaram a  
reputação.

Mas a immodestia num homem de  
superior talento, so pode ser levada á  
conta de defeito, é pueril que se lhe  
chame má qualidade; nelle o orgulho  
era a consciencia do seu valor, da ma-  
nifesta superioridade sobre os poetas  
contemporaneos seus inimigos.

Este sentimento nasceu-lhe da admi-  
ração que des de a infancia o cercara,  
pois que elle mesmo disse:

«Versos balbuciei co'a voz da infancia;  
Vate nasci, fui vate inda na quadra  
Em que o rosto viril, macio e tenro,  
Siuelha o mimo de virginea face.» (1)

Depois, atravez das duras vicissitu-  
des e provações da vida atribuladissi-  
ma, nunca lhe faltou o applauso e a li-  
sonja que lhe coroavam sempre com ar-  
ruído os triumphos de inegalavel  
repentista.

Os defeitos litterarios que mais acre-  
mente lhe aponta a critica, tanto actual  
como coeva, são a hyperbole e a anti-  
these. Hoje, depois que Victor Hugo  
fez d'esses dois defeitos as principaes  
qualidades, senão unicas, da sua im-  
mensa obra romantica; agora, que o  
auctor dos *Miseraveis* e da *Legenda dos  
seculos* deixou esses dois defeitos como  
base de um processo litterario, tanto no  
verso como na prosa, a critica honrará  
Bocage nas qualidades d'esses defeitos,  
— dos quaes elle, aliás, não abusou tanto  
como Hugo, — ao menos em attenção á  
circunstancia apreciavel de que o hy-  
perbolico e antithetico auctor do *Her-  
nani* e da *Marion* é o maior poeta da  
França de todos os tempos.

Estes defeitos eram em Bocage gera-  
dos da propria indole, do seu tempe-  
ramento artistico. Para elle não havia  
assumptos pequenos. (2) Como depois  
em Victor Hugo, na sua imaginação  
portentosa o sapo fazia-se estrella e a  
aranha formava o sol. O seu talento e  
o seu sentir poetico eram lentes fortis-  
simas que tudo engrandeciam ao seu  
olhar interior. Elle era tão grande na  
expressão epica da ole 1<sup>a</sup> a Ignacio da  
Costa Quintella, como no mellifluo  
soneto

Se é doce no reate, ameno estio.

D'ahi a hyperbole.

(1) Prologo á traducção das *Plantas*, de  
Castel.

Deve haver uma variante d'estes versos,  
pois que no vol. 3 do *Parnaso Lusitano*, em  
nota á *Pena de Talião*, são assim transcriptos:  
«Vate nasci; fui vate inda na quadra,  
«Em que o vello viril macio e tenro  
«Semelha o mimo da virginea face.  
Parece-nos aqui mais bem expresso o pen-  
samento do poeta.

(2) «De todos os poetas do seculo anterior  
e dos principios do actual, o seu valido (das  
musas), o seu eleito foi Elmano: Dis-eram-  
lhe segredos que os outros não souberam;  
prenderam-no com o *maravilhoso dom de engran-  
decer o assumpto*. R. da Silva, Ob. de Bocage,  
edición de Innocencio F. da Silva, vol. 6, pag.  
370.

Nada via em a natureza que fosse  
mesquinho ou indigno, e as coisas ou  
aspectos relativamente pequenos ser-  
viam-lhe para fundo de qua lros admi-  
raveis, ou para fazer pela comparação  
o augmento do que já era grande a seus  
olhos.

D'ahi a antithese, que nelle vem a  
ser um desdobraimento, uma consequen-  
cia natural da hyperbole.

Na effervescencia dos primeiros  
annos, diz Rebello da Silva, entusi-  
asta e cantor arrebatado, transportou  
para o verso o natural violento e insof-  
frido, que foi em parte o incentivo dos  
milagres d'aquella ardente phantasia,  
e que era na existencia pratica o cruel  
inimigo do seu socego, e o precipicio  
facil do mais espantoso talento. Olhado  
de cima, e fora da rigorosa analyse, os  
raios, que despede, cegam e paralisam  
a critica.

«... Em Bocage ha duas physiono-  
mias, que se distinguem, e dois poetas  
que se contradizem. O repentista e o  
grande auctor. O primeiro altea-se e  
precipita-se, paira sobre as nuvens,  
e arrasa a terra, conforme a vehemen-  
cia da exaltação, e o instantaneo vigor  
do impeto. O segundo, apaixonado e  
magesoso, teve lagrymas para a dor,  
rasgos profundos para o ciume, sue-  
piros para a ternura, desenho e colorido  
para as paixões.»

«Os defeitos foram os excessos das  
suas qualidades.» (1)

Tal é, em resumo, a opinião do dou-  
tissimo critico sobre Bocage. O que  
espanta é que, dizendo tudo isto e  
muito mais, hesite em dar ao cantor  
sublime da *Medea* o primeiro logar  
entre os poetas da sua epoca! (2)

Nós pensamos que, exceptuado Ca-  
mões, que é o maior poeta dos tempos  
modernos, não ha na litteratura por-  
tugueza poeta comparavel a Bocage.  
E' certo que não escreveu a tragedia  
nem a epopéa, generos pelos quaes  
melhor se mede o folego de um grande  
poeta, principalmente durante o cyclo  
da poesia classica; hoje, porém, vemos  
que para um poeta ser grande e alcan-  
çar a fama universal não é preciso der-  
ramar-se em longos assumptos que  
demandem ainda mais longas compo-  
sições; e mesmo entre os antigos temos,  
além de outros, o eloquentissimo exem-  
plo de Petrarca, celebre pelos seus 297  
sonetos feitos em vida e á morte de  
Laura, e não pelos seus outros poemas  
ou pelas obras philosophicas e sociaes  
que escreveu.

Temos que se é legitima a gloria e a fa-  
ma universal de Petrarca, mais legitima  
é, sem duvida, a gloria de Bocage pelos  
sonetos que escreveu. Rebello da Silva,  
referindo-se á superioridade de Bocage  
neste genero de poesia, chama-lhe o Pe-  
trarca portuguez; Castilho José escreve:  
«Mais poderíamos, para honrar Pe-  
trarca, chamal-o o Bocage italiano, do  
que, para honrar Bocage, designal-o  
pelo Petrarca portuguez.»; Garrett,  
pouco affeiçãoado a Bocage, escreve, com  
referencia ao uosso poeta: «Dos soneto-  
s ha grande copia que não tem equal  
nem em portuguez, nem em lingua  
nenhuma; de uma força, de uma valen-  
tia, de uma perfeição admiravel. (3);  
Rebello da Silva diz: «O soneto, essa  
forma estreita e ardua, ninguém a pos-  
suiu como Elmano, e neste genero riva-  
lisa com os primeiros da Europa, sendo  
sem contestação o primeiro entre os  
nossos.» (4).

Castilho José enthusiasinou-se tanto  
pelo soneto bocagiano, que chegou a

(1) R. da Silva.

(2) Obr. cit. pag. 371.

(3) Bosqueja da hist. da Poesia e Liagua  
port. no vol. I do *Parnaso Lusitano*, pag. LVI.

(4) Est. Litt. app. ao vol. VI das *Obras de  
Bocage*, pag. 338.

escrever esta verdadeira hyperbole: «... Bocage, cujos piores sonetos (quasi diríamos) egualam os melhores de Camões!».

Isso não. Camões é o unico poeta que não pôde, mesmo no soneto, ser vencido por Bocage, a não ser no numero. Quem escreveu o *Alma minha gentil...*; quem encerrou em quatorze versos o episodio biblico de Jacob e Rachel — *Sete annos de pastor Jacob servia*; quem trasflorou nesse pequeno poema todo o desespero tremendissimo do capitulo III do livro de Job — *O dia em que eu nasci morra e pereca* — não pôde ser excedido e ainda não foi egualado.

Nem isso é necessario para a gloria de Bocage. Ter Camões por unico rival é titulo de immortalidade que só Elmano alcançou.

Tirante, pois, o genial Camões, não ha em sonetos poeta que se lhe compare. E se todos os criticos estão de accordo em que o soneto é um longo poema, porque havemos de exigir de Bocage mais titulos para o applauso da Pósteridade? Disse Boileau:

«Un sonnet sans défaut vaut seul un long poeme: Mais en vain mille auteurs pensent y arriver; Et cet heureux phénix est encore à trouver»

Deante os sonetos de Bocage Boileau não hesitaria. Estava achada a phenix!

Passemos, portanto, em claro as numerosas poesias que a Manoel Maria serviram de credenciaes para o juizo definitivo da Pósteridade; esqueçamo-nos das inegalaveis cantatas, das formosas canções, das valentes satyras, das suavissimas elegias, dos portentosos idyllios, das soberbas odes — e proclamemo-lo, só pelos seus 375 sonetos (1), sem receio e sem duvidas, o maior genio da poesia portugueza depois de Luiz de Camões.

Muito foi o que nos deixou o poeta; mas, se a morte o não levasse aos quarenta annos, nessa quadra da vida em que o espirito, enriquecido pelo estudo, pelo exame da obra feita e pela experiencia, costuma repousar e recolher-se para, por meio da extrema contensão das suas forças, abalançar-se a trabalhos de vulto, certo que o vate dos idyllios e das cantatas soberbas nos legaria o poema que, segundo a affirmação do seu amigo Pato Moniz, já imaginara e começara.

A critica nada tem que ver com o que o escriptor não fez; mas todos os que têm estudado essa individualidade extraordinaria e singular são acordes em que a obra da plena maturidade intellectual de Bocage seria uma obra prima. Elle mesmo, nas horas do derradeiro desalento, sentia que começava para o seu estro a quadra das supremas aspirações; dil-o num soneto, que nenhum dos seus criticos cita para a confirmação d'esta conjectura, ou antes indução geral:

«Cantor, que a fronte erguia engrinaldada  
Com vosco, idalias c'róas, myrtho, e rosas,  
Que vio por mão das tagides formosas;  
D'aljofares a lyra e d'oiro ornada:

Mente, d'ethereos dons abrilhantada,  
Que solta em produções, louçans, pomposas,  
Surgio, voou com azas luminosas  
Ante o bando, que vae de rojo ao nada:

Estro, opulento do phebéo thezouro  
(*Já dos épicos sons talvez no ensaio*)  
Ouvia sair das trévas triste agouro:

(1) São 375 os sonetos da edição Innocencio, e é egual o numero dos da ed. Th. Braga.

Bocage, porém, devia ter composto muitos mais, e sabe-se mesmo que os compoz. Cremos que, sem receio de errar, se pôde calcular em 500 o numero dos sonetos que escreveu Elmano.

Seu fado o fulminou, bateu-lhe o raio  
A'sombra tua (ai dôr!) lá mesmo, oh louro!  
Chorae-o, Amores! Tagides, chorae-o!

Existencia batida por todos os temporaes, minada por todos os desgostos, exacerbada por todas as dôres, pungida por todas as decepções e por todas as injustiças, — a obscenidade foi o seu protesto, como muito bem diz Th. Braga. Mergulhou-se no vicio, mas inundado pela gloria, lisongeadado pela admiração, as suas virtudes supplantaram triumphantemente os seus erros, e o periodo longo da sua molestia, foi a era da contricção, do arrependimento, da regeneração moral. Soube morrer o que viver não soube.

Perdoemos-lhe, pois que, como disse o divino epico florentino

«Un bel morir tutta la vita onora.»

Não nos é possivel dizer aqui a respeito do bardo sadino nem a decima parte do que quizeramos dizer; assim, para rematar com fecho de oiro este rapidissimo e desalinhavado estudo, transcrevemos parte das sublimes palavras de Alexandre Herculano no *Elogio Historico* do amigo de Bocage, Sebastião Xavier Botelho, lido em sessão do Conservatorio Real de Lisboa:

«Na litteratura dos arcades, como nas litteraturas da época de D. João III e da época de Augusto, a poesia tinha sido essencialmente cortezan, aristocratica, altiva. Os pastores da *Arcadia* nunca assistiram aos mais sublimes espectáculos do universo, nunca sentiram no coração essas paixões violentas que devoram as existencias. Que sabiam elles dos campos de batalha, das sedições, dos grandes crimes e das virtudes? Elles ignoravam o que são lagrymas de desterro, o que são contentamentos de tornar a ter patria. Odios, fanatismos politicos, ancia de gloria popular, ambições, miserias humanas, não existiam para elles. Os mares e os seus terrores, as solidões profundas das serranias, o ruido das torrentes, o sibilar dos ventos por grandas bravias, não imaginavam o que fosse as procellas emfim da natureza, e as mais terribes ainda do espirito, em que parece delectar-se o poeta d'este seculo grave e triste, — porque o converteram á melancolia e ao cogitar profundo os seus destinos solemnes, — tudo isso era alheio á suave existencia dos arcades. Sacerdotes, magistrados e servidores do Estado, o seu monte Menalo era uma sala adornada de sedas e razes; a sua lyra ou rabil uma penna muitas vezes doirada; as suas inspirações uma vasta erudicção. Assim os affectos e imagens dos seus poemas vacillavam entre a frieza e trivialidade, e a exaggeração e mentira, porque para elles as paixões e a natureza estavam nos livros. Os livros foram o seu universo.

«Bocage porem não era arcade. Era um homem do povo que alimentava no espirito todas as paixões violentas, e muitas vezes freneticas e desregradas do vulgo; e como o vulgo, ajunctava a feios vicios nobres e generosas virtudes. Era o trovador, que improvisava os seus mais admiraveis versos no meio das multidões, á luz do sol ou dos astros da noite, nas orgias das cidades, nas festas campestres, em todos os logares, a todas as horas. Depois de Camões, Bocage foi o nosso primeiro poeta popular: como Camões foi pobre, foi criminoso, e foi malfadado; adormeceu, como elle, muitas vezes, no baluçar das vagas do oceano, e como elle orvalhou de lagrymas o pão do desterro, e veio morrer na patria sobre a enxerga da miseria. Semelhante ao enfermo do Evangelho, passou pela terra, abandonado, pobre, nú; mas como os antigos romeiros trovadores, animou ou commoveu

os animos das classes não privilegiadas, ás quaes tres seculos tinham feito esquecer que a poesia era tambem e principalmente para ellas.

«Bocage é o typo mais perfeito da sua escola, e de feito devia sê-lo. Ella popularisou a arte, porque poetou principalmente para o povo, e embalou ao mesmo tempo com as melodias da linguagem, com o sonoro do metro, essas almas rudes, mais attentas á harmonia da fôrma que ao poetico do pensamento.»

Estas bellissimas palavras fazem poderosamente resaltar a physionomia litteraria de Bocage, d'entre os segundos arcades o poeta mais popular, por isso que foi o mais humano, o mais pessoal, o que melhor pintou as paixões tumultuosas e descreveu os variados aspectos da natureza, que elle via nos campos e nos mares, e não estudava nos livros como os frios cantores da bucolica do seu seculo.

FILINTO D'ALMEIDA.

## O RETRATO DE BOCAGE

O retrato de Bocage que hoje damos na primeira pagina foi desenhado pelo Sr. Bento Barbosa, um desenhador de largo futuro, e gravado pelo Sr. Alfredo Pinheiro, o artista que entre nós mais tem trabalhado para o desenvolvimento da xilographia.

A estes nossos dois intelligentes e dedicadissimos colaboradores temos que agradecer — e agradecemos profundamente penhorados, — o efficaz auxilio que nos têm graciosamente prestado.

A elles devemos as boas paginas artisticas que ultimamente temos dado e ainda o bello retrato que exorna hoje a nossa primeira pagina.

Fique, pois, consignado aqui, no ultimo numero do segundo anno d'*A Semana*, o protesto sincerissimo da nossa gratidão pelos excellentes serviços que nos têm prestado os Srs. Alfredo Pinheiro e Bento Barbosa.

Por causa da modesta commemoração que hoje fazemos de Bocage, tivemos de guardar para o proximo numero varios artigos e noticias que deviam sair neste. O mesmo aconteceu á *Historia dos sete dias*.

A REDACÇÃO

## Variedade dos efeitos d'Amor

Nascemos para amar; a humanidade  
Vae, tarde ou cedo, aos laços da ternura:  
Tu és doce attractivo, oh formosura,  
Que encanta, que seduz, que persuade:

Enleia-se por gosto a liberdade;  
E depois que a paixão na alma se apura,  
Alguns então lhe chamam desventura,  
Chamam-lhe alguns então felicidade:

Qual se abysma nas lobregas tristezas,  
Qual em suaves jubilos discorre,  
Com esperanças mil na idéa accezas:

Amor ou desfalece, ou pára, ou corre;  
E, segundo as diversas naturezas,  
Um porfia, este esquece, aquelle morre.

BOCAGE.

## A BOGACE

... no pego impuro das orgias  
Mergulhavas, afflicto e descontente,  
E, quando á tona vinhas de repente,  
Cheias as mãos de perolas trazias :

Tu, que do amor e pelo amor vivias,  
E que, como de limpida nascente,  
Dos labios e dos olhos a corrente  
Dos versos e das lagrymas vertias :

— Mestre querido ! viverás, enquanto  
Houver quem tracte o magico instrumento,  
E preze a lingua que prezavas tanto,

E enquanto houver num ponto do Universo  
Quem ame e sóffra, e amor e soffrimento  
Saiba cantando traduzir em verso.

OLAVO BILAC.

## A VIDA ELEGANTE

Tivemos occasião de assistir domingo  
passado a uma *soirée do Progresso de  
Catumby*, e folgamos em declarar que a  
impressão que de lá trouxemos foi a  
mais agradável, tanto nos penhoraram  
os inestimaveis obsequios a nós dis-  
pensados pelos cavalheiros a quem está  
confiada a directoria d'esse attrahente  
club.

Fazemos os melhores votos para que  
o *Progresso de Catumby* continue a me-  
recer como até aqui as nossas sympa-  
thias e o gentil acolhimento do bello  
sexo.

A Sociedade Recreativa e A. S. José  
deu no ultimo sabbado a sua costumada  
partida mensal. Com grande affluencia  
de convidados prolongaram-se as dan-  
ças até á madrugada de domingo, dis-  
pensando a gentilissima directoria as  
mais cordeas amabilidades a todos  
os que ali foram, especialmente aos  
representantes da imprensa.

A ella os nossos agradecimentos pelas  
distinções com que fomos obsequiados.

LORGNON.

## BOGAGE

Essa vida que, errando, em *Lysia* outr'ora,  
Viveste, alma de angustias consumida,  
Que diversa te foi d'esta outra vida  
Que em luz mais bella te avorece agora !

Do atro bulcão que os céos te encheu na aurora  
Livre, a *Gloria* irrompeu, vencendo a lida  
Mundana, e agora esplende e te convida  
A voar, cantando, os seculos em fóra.

Ódio, inveja, calunnia, os mãos, o inferno,  
Quanto o genio no mundo nos consome,  
Tudo atraz te ficou com as proprias penas ;

E do lodo em que andaste ao dia eterno  
Chegas, soltando as letras de teu nome  
« Em climas de ouro, em regiões amenas. »

ALBERTO DE OLIVEIRA.

## JORNALS E REVISTAS

Eis como nos recebeu o *Correio de  
Campinas* em seu numero de sabbado:

« *A Semana* — Temos presente o nu-  
mero de 15 de Dezembro.  
Traz, entre outros, um bello figurino  
colorido mostrando as mais modernas  
formas de chapéus para senhoras nesta  
estação ».

Decididamente esta maneira de rece-  
ber-nos é nova, muito nova, novissima !  
*A Estação*, jornal de modas, é que não  
ha de gostar nada d'esta recepção, pois  
aquellas linhas ficavam-lhe a matar.

S.

## TRITÃO

(IDYLLO MARITIMO.)

A' foz do Tejo, em bronca penedia,  
Minada pelas ondas salitrosas,  
Prisioneiro de amor, Tritão gemia.

Luziam-lhe as espaduas escamosas,  
Sustentava o maritimo instrumento,  
O buzio atroador, nas mãos callosas :

Conchas da côr do liquido elemento  
Parte do corpo enorme lhe vestiam,  
Igual na ligeireza ao proprio vento :

Da barba salsas gottas lhe caíam,  
E nos olhos, que amor afoqueiava,  
Em borbotões as lagrymas ferviam.

Lilia, que um bosque proximo habitava,  
Lilia, a napeya desdenhosa e bella,  
Amorosos clamores lhe arrancava ;

Um dia a vio da praia, e só de vel-a  
Seu coração feroz enfeitado,  
Voou, gemendo, para os olhos d'ella.

Das entranhas do pelago salgado,  
Louco de amores, louco de saudades,  
O queixoso amator tinha saltado.

Do pae, que ahafa as negras tempestades,  
Já seu voraz tormento era sabido,  
E das outras equoreas divindades.

De aereas esperanças illudido,  
Gran'tempo seu espirito saudoso,  
Rastejando a cruel, vagou perdido :

Gran'tempo glórias vans sonhou teimoso,  
Antes que desse fructuosa entrada  
Ao acre desengano o peito ancioso.

Já pela transparente immensa estrada  
No coche rutilante o sol corria  
Após a aurora candida e rosada :

Quando, envolto nas sombras da agonia,  
Ao vento derramava o deus amante  
Taes queixas, que eu, não longe occulto, ouvia :

Lilia ! Lilia ! ah cruel ! ver um instante  
Teus olhos garços, tuas louras tranças  
Para meu lenitivo era bastante.

Ardo, choro, e não vens, e não te amanças ?  
Oh céos ! talvez nos braços cabelludos  
De vil bicorneo satyro descanças !

Fera, peor que os jacarés sanhudos,  
Rirás, talvez, com elle, em quanto abalo  
Com meus suspiros os penhascos mudos !

Ah ! de zelos freneticos estalo,  
E doces illusões desvanecendo,  
Na desesperação o inferno egualo.

Quantas serpes contém seu bojo horrendo  
Vêem cravar-me o lethal, maligno dente  
Pelas entranhas que me estão fervendo.

Como te soffre o céo, como consente  
Que ultragem teus desdens a prole augusta  
Do nunien que maneja azul tridente :

Não ponderas quem sou, barbara injusta !  
Se o meu rendido amor te não commove.  
Nem meu grande poder sequer te assusta !

No mar á minha voz tudo se move :  
Eu aos deuses undivagos intimo  
Altos decretos do ceruleo Jove.

De Eólo as furias em tão pouco estimo,  
Que até na horrivel, sinuosa gruta  
Com cem cadeias os tufões lhe opprimo.

Muge o mar, treme a terra, o ceo se enluta  
Apenas, tempestade apregoando,  
Este meu buzio concavo, se escuta.

Tambem, se quero, os duros sons lhe ahrando,  
E os magos versos do cantor de Thracia  
Vou no rijo instrumento arremedando.

E desprezas-me ainda, e tens a audacia  
De rejeitares com suberbo enfado  
O filho de Neptuno, e de Salacia ?

Em que, nympha cruel, te desagrado ?  
Que te afugenta ? As lucidas escamas,  
As verdes conchas de que estou forrado ?

Pois isto, que, por feio, em mim desamas,  
E que te obriga a nunca me escutares,  
Gera em mais docil peito ardentes chamas.

Oh quantas vezes sae dos vitreos lares  
Só para ver-me Arginia, que em se rindo,  
Enfria os ventos, agrilhó a os mares !

A Doris, á benigna mãe fugindo,  
Brando afago me traz no lacteo rosto :  
O teu, vaidosa, o teu não é mais lindo !

Mas a esses doces mimos sempre opposto,  
Acha meu coração, que foge d'ella,  
E vem sacrificar o amor ao gosto.

Dehalte a triste nympha se desvella  
Em finezas e em lagrymas, que tndo  
Engeito por amar-te, ó dura ! ó bella !

Cum semblante enrugado e carrancudo,  
Lhe atalho os ternos ais, e se porfia,  
Ou as costas lhe volto, ou fico mudo.

Oh pasmo ! Nem Proteu pensar devia,  
Que eu por uma campestre semidea  
A prole de Nereu desprezaria !

Mas ah ! já sinto amor, que me refreia  
A petulante voz. Não mais, perdó a  
A' desesperação, gentil napea.

Para meus braços amorosos vá,  
Vá, e verás então, que alegres hymnos  
Meu rude buzio, respirando, entoa.

Depois de ouvires os meus sons divinos,  
Mergulhando commigo, irás sem medo,  
Aos magestosos paços neptuninos :

Lá no seio de um concavo rochedo  
Jaz de meu pae a esplendida morada,  
D'onde, para te ver, sai tão cedo :

De ouro, e saphyras altamente cobrada,  
E de instrosas conchas de mil céos  
Com mimoso artificio variada,

Attrairá teus olhos, e os Amores,  
Que te acompanham, lograrão, pasmados,  
Mais prazer entre as aguas, que entre as flores.

Ali sobre diaphanos estrados,  
Oh Lília! a par de Thetis e Amphitrite  
Repousarão teus membros delicados.

Em honra tua festival convite  
Farei aos patrios deuses: o meu gosto  
Nos mesmos immortaes inveja excite:

Meu venerando pae, no solio pôsto,  
Com grave riso e placida alegria  
A senil ruga alizará no rôsto!

Rebros coraes, fulgente pedraria  
Te oferecerá nos candidos regaços  
A chusma das nereidas á porfia:

Aquella mesma, que em gostosos laços  
Pertende unir-me a si, teus olhos vendo,  
Conflo, que te aperte entre seus braços:

Tanto podêr terás! Ah! vem correndo,  
Que já seus raios de oiro o sol dardeja  
Do ethereo carro, o mundo esclarecendo:

Punge os ethontes, como que deseja  
A quêda anticipar nas aguas, onde  
De perto, nymphas, tuas graças veja.

Vem, pois, encanto meu, vem, corresponde  
Ao fervoroso amor, em que me inflammo;  
Sae d'entre a basta selva, que te esconde.

Mas ai, que em vão te rogo, em vão te chamo  
Nem fazes caso de meu ser divino  
Nem das lagrymas tristes, que derramo:

Peito isensibil, peito diamantino  
As maviosas preces da ternura  
Não amaciam teu rigor ferino:

Ah! basta de cegueira e de loucura,  
Basta de suspirar, paixão funesta:  
Quem ha de numa penha achar brandura?

Viboras, que jazeis nessa floresta,  
Vingae-me, envenenae c'o tenue dente  
A ingrata que me foge, e me detesta:

Sinta rubidas ancias, como sente  
Meu triste coração de amor ferido,  
Atassalhado de peor serpente...

Mas não: furias do inferno, eu vos convido;  
Sois mais dignas de mim: de vós se vale  
Um deus irado, um deus escarnecido:

Rebentae de vulcão que o mundo abale,  
E a peste, que exhalae do peito horrendo,  
O ferreo coração de Lília rale.

Calou-se; e do alto escolho á pressa erguendo  
O formidavel corpo, inda mais alto,  
E as negras mãos frenetico mordendo,

Por entre as ondas se abysmou de um salto.

BOCAGE.

## A BOCAGE

Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!  
Bocage.

Harpa, arrabil, tiorba, lyra, athena,  
Tudo em teus cantos por igual feriste.  
Ora alegre, ora altisona, ora triste,  
Sorrio-te sempre a divina Camena.

Palpastes o fundo abysmo á dor terrena,  
Tocastes a gloria póstera, e sentistes  
Que, quando á lama o vôo desferistes,  
A alma inocua voltára mais serena.

Do tropel das paixões a guerra crua  
Sofreste-a, versos desparzindo a esmo,  
E foi-te unico allivio o céu da Arte;

Mas hoje, enfim, Posteridade é tua,  
Pois que tão grande foste que nem mesmo  
A propria Morte conseguiu matar-te.

21 de Dezembro, de 1886.

FILINTO D'ALMEIDA.

## THEATROS

### PRINCIPE IMPERIAL

O actor Machado deu-nos mais uma edição dos *Sinos de Corneville*, para o que augmentou a sua *troupe* com as atrizes cantoras Irene Manzoni e J. de Kailus.

Manzoni, apesar da enfermidade que por muito tempo a afastou dos nossos palcos, apresentou-se com a sua sempre bella voz de contralto, dominando os *ensembles* e vencendo todas as difficuldades da graciosa partitura de Planquette.

Jeanne de Kailus conduziu muito regularmente o papel de Germana, sendo, porem, para sentir que, na parte musical, a emissão da voz se ressentisse um pouco da falta de exercicios ou, talvez, das conhecidas commoções da estreia.

Machado, com a sua correcta interpretação do papel de Gaspar, a que de ha muito nos habituou, recebeu do publico calorosas demonstrações de apreço ao seu trabalho.

Dominique e Nunes agradaram tambem.

Os coros portaram-se bem; e a orchestra, regida pelo maestro Carvalho, foi merecedora dos mais francos elogios.

Assim, e magnificamente encenada, a conhecida operetta promete fazer uma nova e bella carreira.

### RECREIO DRAMATICO

Guardamos para o proximo numero a noticia sobre o *Filho da Noite*, drama representado ante-hontem pela companhia Dias Braga.

Nesta peça reapareceu a distincta actriz Helena Cavalier, que estivera gravemente doente.

P. TALMA

## CONJUROS A ANARDA

Mimosa, linda Anarda, attende, attende  
A's doces magras do rendido Elmano;  
Co'um meigo riso, co'um suave engano  
Consola o triste amor que não te offende:

De teus cabellos ondeados pende  
Meu coração, fiel para seu damno;  
Co'a luz dos olhos teus Cupido ufano  
Sustenta o puro fogo, em que me accende;

Causa gentil das lagrymas que choro,  
A tudo te antepõe minha ternura,  
E quanto aqoro o céu, teu rosto adoro:

O golpe, que me deste, amima e cura...  
Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:  
Não pertence a piedade á formosura.

BOCAGE.

## SPORT

Esteve esplendida a 8ª corrida extraordinaria realizada pelo Derby-Club no domingo passado. O programma, como sempre, bem organizado, obteve inscripções dos melhores parelheiros; sendo os pareos perfeitamente disputados. Eis o resultado:

No 1º pareo (1.450 metros) *Americana* obteve a victoria em 107 segundos, máu tempo. *Caporal* em 2º, *Peralta* em 3º e *Saltarelle* em 4º. *Baccarat II*, *Jenny*, *Marengo* e *Condor* que desgarrou, chegaram na bagagem. *Chapeco*, *Aldace*, *Guacho* e *Lucifer* não correram.

No 2º pareo (1.000 metros) *Charybdes*, em 66 segundos, venceu os seus competidores, principalmente *Coupon* que chegou em 2º, tocando em clave de sol... *Cheapside* em 3º.

No 3º pareo (1.609 metros) *Nicoas*, em 110 segundos, venceu os seus adversarios. *Druid*, apesar do pezo, podia fazer melhor corrida, pois chegou em 3º logar... *Boyardo* em 2º, *Biscaia* em 4º e *Aymoré* em 5º.

No 4º pareo (1.609 metros) *Monitor*, em 115 segundos, venceu *Odalisca*, que decididamente não pôde vencelo em tiro algum. *Condor* desgarrou e *Judia* chegou em 3º. *Galgo* e *Flotsam* foram retirados de vespera.

No 5º pareo (2.000 metros) houve renhida luta, de principio a fim, entre *Salvatus* e *Scylla*, que demonstraram exuberantemente ser parelheiros superiores, disputando palmo a palmo a victoria que coube a *Salvatus* em 167 segundos, apenas por cabeça. Foi uma bonita corrida e em bom tempo, visto a raia estar pezada, pelas chuvas da vespera. *Coupon* negou a partida. *Boreas* e *Diomedes* vieram em grande bagagem.

No 6º pareo (1.609 metros) *Vampa*, em 117 segundos e facilmente, obteve a victoria. *Villa-Nova* em 2º, *Recife* em 3º e *Orpheu* em 4º. *Baccarat II* não correu.

No 7º pareo (1.609 metros) *Phenicia*, em 113 segundos e com alguma facilidade, obteve a victoria. *Alfredo* em 2º, parecendo-nos animal de futuro (e não o contrario como por engano sahio impreso no *sport* passado). *Paney* em 3º. *Frou-Frou* em 4º. *Olinda*, *Africana* e *Babylone* chegaram nesta ordem. *Castillione* e *Gabier* não correram.

No 8º pareo (1.750 metros) *Boreas*, em 122 segundos, obteve mais uma brilhante victoria, lutando palmo a palmo com *Talisman*, que chegou em 3º e com *Sibylla*, que chegou em 2º. *Regina* che-

gou em 4º lugar. Boreas carregou mais 8 kilos que os seus competidores.

A 3ª corrida extraordinária desta sociedade, e última deste anno, realiza-se no dia 26 do corrente, com um importante programma, perfeitamente organizado e composto de oito pareos inteiramente preenchidos por parceiros superiores. Atendendo ás distancias em que for o ajustado deverão travar porfiada luta, tornando as corridas interessantes.

Desejamos que esta benemerita sociedade, terminando este anno a sua ultima corrida, tenha feliz exito na execução do seu programma e que nos apresente para o anno vindouro corridas importantes como até agora.

L. M. BASTOS

### ELMANI TABERNULA

Libemos

Almo, rubro licor, que gera os risos,  
E a memoria tenaz de acerbos males  
Apaga...

(BOCAGE)

*Aqui, nem tenue lagryma a esmeralda*

*Mitar lhe disturbe mais; nem mais lhe dóa*

*O estérro com que a inveja lhe enodda*

*Os louros, que ornar-lhe a cabeça;*

*Do ideal, que a vasta fronte a veder lhe escaida.*

*A sede aqui leuir busque; e a zingria*

*Beba aos ocos; e exultar e cante a via,*

*E os odios finalmente expurga.*

*Censurem-no hamens de propecta adale;*

*D'eduhê-o a hypocrisia; e, por maligade,*

*O vulgacha escarinho mofe;*

*Que importa? se elle ao menos sente*

*Aqui, bater-lhe o coração contente,*

*E o coração contente lhe encha a estrophe.*

RAYMUNDO CORREIA.

### CORREIO DA GERENCIA

Aos Srs. João Gomes Ribeiro e Ireneu Portugal rogamos o favor de prestarem attenção ao que lhes temos pedido.

Neste escriptorio compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 20, 56 e 101 d'A Semana, a 500 rs. cada um.

Sr. L. A. Mader — Capivary. — Para que V. S. fique quite até 31 do corrente mez, precisa mandar-nos mais 18000 réis.

Rogamos aos nossos assignantes de S. Geraldo, aos quaes nos dirigimos ultimamente por carta, o favor de nos responderem com a possivel brevidade.

Idêntico pedido fazemos aos nossos assignantes de Cantagallo.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos nossos agentes, nos honzarem com as suas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem suas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a pontualidade necessaria.

### ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhatina, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador: moléstias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRECÇÃO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

### ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu género o **Café Oriente**, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

### GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distintos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sairã em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

50000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

### ESTERVATO JOÃO DE DEUS

ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO

60 RUA SETE DE SETEMBRO 60

HORARIO

CURSO PRIMARIO

Leitura, calligraphia, contabilidade, arithmetica pratica, portuguez (2ª classe), francez (2ª classe), inglez (2ª classe), geographia do Brazil, noções de geographia geral, historia do Brazil, geometria elementar, cosmographia, desenho linear e elementos de sciencias naturaes. . . . . 9-3

CURSO SECUNDARIO

Portuguez . . . . .	12- 1
Francez . . . . .	12- 1
Inglez . . . . .	12- 1
Latim . . . . .	9-10
Italiano . . . . .	9-10
Alemão . . . . .	11-12
Geographia . . . . .	1- 2
Historia . . . . .	2- 3
Arithmetica . . . . .	10-11
Algebra . . . . .	1- 3
Geometria . . . . .	11-12
Rhetorica . . . . .	7- 2
Philosophia . . . . .	1- 2
Trigonometria . . . . .	3- 4
Curso annexo . . . . .	2- 3
Sciencias naturaes . . . . .	3- 4

As aulas re-abrem-se no dia 8 de Janeiro.

O secretario,

Alfredo Coutinho

### A NACIONAL

CARLOS MORAES & C

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

Grande fabrica de luvas de pellica, pelle de suêde, camurça, de fantasia e de seda.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMENDA EM DUAS HORAS

RIO DE JANEIRO

Exm. - Sr. D. Josephina Sarmiento.  
Campinas

# DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 9ª CORRIDA EXTRAORDINARIA A REALIZAR-SE EM 26 DE DEZEMBRO DE 1800

(ULTIMA D'ESTE ANNO)

AO MEIO-DIA EM PONTO

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PEÑO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
<b>A's 12 1/4 horas — 1º pareo — SEIS DE MARÇO — 1.450 metros — Animas do paiz até meio sangue que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.</b>							
1	Caporal.....	Alazão tost...	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Verde, branco e encarnado..	Coudelaria Excelstor
2	Aldace.....	Douradilho..	4 »	Idem.....	50 »	Azul marinho e ouro.....	J. IV.
3	Marengo.....	Vermelho....	6 »	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
4	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	54 »	Géranium e ouro.....	J. W.
5	Condor.....	Castanho....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
6	Chapécó.....	Vermelho....	3 »	Paraná.....	49 »	Branco e estrellas azues....	Coud. Guanabara.
7	Jenny.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho e bonét preto....	J. Lemos.
8	Morena.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	50 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
9	Lucifer.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e palha.....	J. L.
10	Pretoria.....	Libuno.....	6 »	Idem.....	52 »	Azul e havana.....	A. C.
11	Pirata.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Azul e branco.....	Coud. Nitheroyense.
<b>A's 12 3/4 horas — 2º pareo — VELOCIDADE — 1.000 metros — Animas do paiz até meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.</b>							
1	Druid.....	Tordilho....	4 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Branco e boné encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
2	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande..	54 »	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraiso.
3	Nicoafy.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	54 »	Encarnado e azul.....	Coud. Oriental.
4	Intima.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Grénat e lirio.....	Mario de Almeida.
5	Aymoré.....	Idem.....	6 »	Idem.....	60 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	53 »	Azul, branco e amarello..	Coud. Esperança.
7	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e estrellas azues..	Coud. Guanabara.
8	Biscaia.....	Alazão tost..	4 »	Idem.....	57 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
9	Dinorah.....	Castanho....	4 »	R. de Janeiro.	53 »	Grénat e lirio.....	F. S. V.
<b>A' 1 3/4 hora — 3º pareo — LEMGRUBER — 1.450 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz que não tenham ganho os pareos RIO DE JANEIRO e COSMOS — Premios: 500\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.</b>							
1	Regina.....	Douradilho..	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraiso.
2	Peruana.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	52 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.
3	Catita.....	Castanho....	3 »	Idem.....	53 »	Azul e amarello.....	J. Rocha.
4	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	59 »	Idem.....	F. Guimarães.
5	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	Rio da Prata.	56 »	Encarnado branco e ouro..	Coud. Paulista.
<b>A's 2 1/2 horas — 4º pareo — EXTRA — 1.450 metros — Poldros e poldras estrangeiros de 2 annos — Premios: 500\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo, 60\$ ao terceiro</b>							
1	Daybreak.....	Castanho....	2 annos	Inglaterra...	45 kilos	Azul, ouro e branco.....	Julio O. C. Vieira.
2	Pancy.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	45 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
3	Phentria.....	Alazão.....	2 »	Inglaterra...	45 »	Encarnado e mangas azues.	Coud. Brasileira.
4	Diana.....	Idem.....	2 »	França.....	43 »	Grénat e bonét ouro.....	Arthur Aguiar.
5	Alfredo.....	Castanho....	2 »	Idem.....	45 »	Azul e preto.....	Coud. Bocaina.
<b>A's 3 1/4 horas — 5º pareo — DERBY-CLUB (HANDICAP) — 1.609 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.</b>							
1	Nicoafy.....	Castanho....	4 annos	Paraná.....	45 kilos	Azul e encarnado.....	Coudelaria Oriental.
2	Boreas.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	61 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Talisman.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
4	Sybilla.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Idem, idem, idem e faixa...	Idem idem.
<b>A's 4 horas — 6º pareo — EXCELSIOR — 1.750 metros — Poldros e poldras nacionais de 3 annos. — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro.</b>							
1	Odalisca.....	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Verde, branco e encarnado.	Coud. Excelsior.
2	Flotsam.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	Dandy.....	Vermelho....	3 »	Idem.....	51 »	Ouro e verde.....	F. Vianna.
4	Monitor.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
5	Plutus.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Idem idem idem e faixa...	Idem idem.
6	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem idem e grénat.....	S. M.
<b>A's 4 3/4 horas — 7º pareo — COSMOS — 1.609 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro.</b>							
1	Dio mede.....	Zaino.....	3 annos	França.....	49 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
2	Caribdes.....	Castanho....	3 »	Inglaterra...	47 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Scylla.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Preto e encarnado.....	Idem idem.
4	Salvatus.....	Alazão.....	3 »	França.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
5	Coupon.....	Castanho....	7 »	Idem.....	53 »	Idem idem e faixa.....	Idem idem.
<b>A's 5 1/2 horas — 8º pareo — DR. FRONTIN — 1.450 metros — Poldros e Poldras nacionais que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.</b>							
1	Famalicão.....	Castanho....	3 annos	R. de Janeiro.	49 kilos	Azul e amarello.....	Ernesto Ascoly.
2	Condor.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Chapécó.....	Vermelho....	3 »	Paraná.....	49 »	Azul e branco.....	Coud. Guanabara.
4	Attila.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.

A. CEZAR LOPES, 2º secretario.



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).